

## (RE)LENDO TIRAS DE MAFALDA NO ENSINO FUNDAMENTAL: RESULTADOS DO PROJETO “PIBIQUINHO”, DO COLUNI-UFF

Camilla dos Santos Ferreira \*

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo divulgar os resultados do projeto “PIBIQUINHO” intitulado “Lendo Mafalda e (re)construindo o sentido das tiras”, desenvolvido no Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI-UFF). Por muitos entendidos como textos de leitura fácil, os quadrinhos possuem, na verdade, uma linguagem própria que, muitas vezes, revela conteúdos bastante complexos e são capazes de, em poucas vinhetas, levantar debates e efetuar críticas contundentes. Para Vergueiro (2008, p. 31), no entanto, dadas as suas especificidades, para que esses textos sejam lidos produtivamente, é necessária uma alfabetização na linguagem dos quadrinhos. Assim sendo, a formação dos leitores é uma medida fundamental para que essas histórias possam ser lidas de maneira produtiva em contexto escolar. É nesse quadro que se insere nossa proposta. Nosso projeto buscou não apenas iniciar dois alunos-bolsistas à leitura de tiras de Mafalda, mas incitá-los a uma interpretação crítica desses textos. Para tanto, propusemos uma abordagem que não se restringiu à aquisição de conhecimentos linguísticos e que buscou resgatar tanto as dimensões artística e cultural quanto os processos de produção de humor e de crítica social veiculados nessas tiras.

**Palavras-chave:** Tiras. Leitura. Escola.

**Abstract:** The present study aims to disseminate the results of the "PIBIQUINHO" project entitled "Reading Mafalda and (re)building the comic strips meaning" which has been implemented in Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI-UFF). Considered by many to be easy reading texts, comic strips have, in truth, their own language. Besides revealing many times a very complex content, their language can raise, in short vignettes, debates as well as express fierce criticism. Nonetheless, to Vergueiro (2008, p. 31), due to their peculiarities, it is important to become literate in comic strips reading in order to read them effectively. Thus, the reader's education plays a very important role in the effectiveness of these stories in schools, and our proposal fits into this pedagogical context. The project not only introduced two sponsored students to Mafalda comic strips, but it also encouraged them to read critically. To accomplish this goal, we proposed an approach which was not restricted to linguistic knowledge acquisition for it also emphasized artistic and cultural aspects, as well as the developing process of humor and social criticism, conveyed in the comic strips.

**Keywords:** Comic strips. Reading. School.

---

\* Professora Doutora do Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento da Faculdade de Educação da UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, [cacafe@msn.com](mailto:cacafe@msn.com).

## **Introdução**

Incentivada pelo governo federal, a presença dos quadrinhos na escola tem trazido à tona o debate sobre sua linguagem e gerado desafios aos professores que, em geral, não conhecem esses gêneros e não sabem muito bem como utilizá-los em contexto escolar. Buscamos aqui dividir a experiência do projeto “Lendo Mafalda e (re)construindo o sentido das tiras”, um dos projetos desenvolvidos no âmbito do programa PIBIQUINHO, do Colégio Universitário Geraldo Reis, o COLUNI-UFF, ao longo do ano de 2012. O referido projeto contou com a participação de dois alunos-bolsistas que então cursavam o 7º ano do Ensino Fundamental.

Não pretendemos aqui dar uma “receita” sobre como trabalhar as tiras de Mafalda no Ensino Fundamental, fornecendo uma espécie de roteiro de caráter prescritivo, que deve ser seguido ao pé da letra. Nosso objetivo é o de compartilhar nosso trabalho e, ao fazê-lo, apontar caminhos que podem auxiliar professores e futuros professores a trabalhar os quadrinhos no ambiente escolar, ajudá-los a refletir sobre o assunto e deixar perguntas que possam instigá-los à pesquisa e à prática envolvendo quadrinhos na escola, para que tracem seus próprios caminhos.

## **Os quadrinhos**

Por muito tempo negligenciados, atualmente os quadrinhos fazem parte das políticas educacionais do governo. Entendidos muitas vezes como textos de leitura fácil e de distração, principalmente devido à utilização da linguagem icônica, os quadrinhos escondem, por trás dessa aparente simplicidade, uma linguagem própria (RAMOS, 2006, 2007, 2009) que revela conteúdos bastante complexos e são capazes de, em poucas vinhetas, levantar debates e efetuar críticas contundentes.

O rótulo *História em Quadrinhos* ou, simplesmente, *Quadrinhos* é quotidianamente utilizado pelas pessoas para se referirem a um número considerável de gêneros que possuem em comum uma linguagem autônoma (RAMOS, 2007) – a *linguagem dos quadrinhos* –, caracterizada, principalmente, pelo recurso ao icônico e pelo formato empregado. Esses textos são compostos por um ou por vários quadrinhos (ou vinhetas), em geral justapostos, que podem, ou não, aparecer demarcados por uma linha de contorno, dentro dos quais são inseridos desenhos. Os quadrinhos, não são um gênero do discurso, ou seja, “um dispositivo de comunicação historicamente definido”, mas “um modo de organização com fracas coerções que encontramos nos mais diversos lugares e épocas e no âmbito do qual podem

desenvolver-se as mais variadas encenações da fala” (MAINGUENEAU, 2006, p. 244). Trata-se do que Maingueneau (2006, p. 244) denominou de hipergênero, conceito retomado por Ramos (2007) para se referir à diversidade de gêneros que utilizam a linguagem dos quadrinhos. O autor entende os quadrinhos como um grande rótulo que agrega diferentes gêneros comuns.

Dentro do hipergênero das histórias em quadrinhos, as tiras, conforme observa Ramos (2007), possuem o formato fixo de uma coluna, na maioria das vezes, horizontal e uma limitação física de espaço, motivo pelo qual são constituídas em geral de poucas vinhetas. Essa limitação de espaço impõe uma certa simplificação dos elementos visuais e verbais, o que leva os autores a simplificarem também os elementos da linguagem dos quadrinhos. Por esse motivo, a inferência ganha importância para a construção do sentido de uma tira. Por isso também a tendência é o recurso a personagens representados de forma caricata ou estereotipada. São normalmente personagens fixos. Ramos (2007, p. 275) assinala que, ao contrário da charge, que é normalmente publicada próxima a textos escritos em um registro "sério", as tiras publicadas em jornais se encontram ao lado de horóscopos e passatempo. Isso indicaria que são uma leitura de distração e cria no leitor expectativas que o conduzem a interpretá-las dessa maneira.

Nas tiras de humor, há, geralmente, o predomínio da sequência narrativa, com uso de diálogos. Elas contam uma história completa e trazem o clímax no último quadrinho, quando há um desfecho inesperado. A quebra de expectativas é uma de suas regularidades, e é a partir dela que se constrói o humor. No humor, evidencia-se muitas vezes uma forma de argumentação indireta do autor, pois este faz conhecer suas opiniões através das intervenções do narrador e dos personagens, sem se comprometer com o conteúdo representado.

### **Quadrinhos na educação**

Apenas com o que foi exposto aqui, já se pode observar que os quadrinhos não são uma leitura fácil e que sua linguagem não é tão simples como aparenta. As especificidades dessa linguagem serão mais facilmente percebidas por um leitor familiarizado com ela. No entanto, no Brasil, como em outros países, houve (VERGUEIRO, 2006a; VERGUEIRO & RAMOS, 2009) – e acreditamos, em alguns casos, ainda haver – uma tendência a entender os quadrinhos como uma leitura “menor”. Por serem de fácil consumo e destinados principalmente a crianças e jovens, os quadrinhos foram condenados por muitos pais e professores, que achavam que esses textos poderiam afastar crianças e jovens de leituras

“mais profundas”. Por esse motivo, a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou, por muito tempo, uma série de restrições, uma vez que esses textos eram vistos de forma preconceituosa e, por esse motivo, não eram compatíveis com a realidade escolar.

Essa crença de que os diferentes gêneros dos quadrinhos, entre os quais temos as tiras, são textos de leitura fácil acreditamos também estar relacionada à utilização da linguagem icônica. Além disso, como o riso sempre esteve associado ao “não-sério”, muitas vezes os quadrinhos de humor são encarados de maneira ingênua. No entanto, por trás da aparente facilidade de compreensão do icônico esconde-se uma linguagem própria na qual o visual associa-se ao verbal com vistas a produção de sentido e, sob o ar desprezioso do humor, podem ser construídas críticas contundentes que serão mais facilmente percebidas por um leitor atento e familiarizado o bastante com a linguagem dos quadrinhos para perceber a articulação entre os signos verbais e visuais e os sentidos que se produzem a partir dela.

Essa visão começou a mudar nas últimas décadas do século passado quando, aos poucos, houve “redescobrimto” dos quadrinhos. De certa maneira, entendeu-se que grande parte da resistência existente era desprovida de fundamento e que era muitas vezes o resultado do desconhecimento sobre eles. Isso favoreceu a aproximação das histórias em quadrinhos das práticas pedagógicas. A utilização dos quadrinhos nos materiais didáticos começou de forma tímida. Eles passaram a figurar nos livros didáticos a partir da década de 1980, inicialmente, em quantidade bastante restrita. Com o tempo, começaram a aparecer com mais frequência e ampliaram sua penetração no ambiente escolar. Atualmente, é bastante comum utilização de quadrinhos em livros didáticos das diversas disciplinas escolares.

O início de uma mudança mais substancial ocorreu quando os próprios órgãos educacionais do governo passaram a reconhecer a importância de se inserir outras linguagens, dentre as quais a dos quadrinhos, no currículo escolar. O primeiro passo foi dado em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) cujo texto apontava para a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinamentos fundamental e médio. Tal fato incentivava o uso dos quadrinhos, mas sua utilização como prática escolar efetiva só foi oficializada no ano seguinte, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). No Ensino Fundamental, os PCN de Arte (BRASIL, 1998a) se referem à necessidade de o aluno ser competente na leitura de histórias em quadrinhos e outras formas visuais. Os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998b, p. 54) mencionam igualmente os quadrinhos, mais especificamente a charge e a tira. Nos PCN+ do Ensino Médio, no volume dedicado a Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (BRASIL, 2002)

também há referências ao uso de quadrinhos e charges. Diferentes gêneros dos quadrinhos se fazem presentes também no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Em 2006, com a inclusão dos quadrinhos no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que compra e distribui obras para as escolas públicas de ensino fundamental e médio, vimos mais um movimento no sentido de incluir os quadrinhos nas práticas pedagógicas (VERGUEIRO & RAMOS, 2009). Criado em 2007, o programa que até então se destinava prioritariamente à aquisição e distribuição de obras literárias, atualmente contempla também os quadrinhos.

### **Quadrinhos em sala de aula**

Vimos, então, que os documentos oficiais do governo procuram inserir os quadrinhos nas práticas escolares, mas é preciso pensar também sobre o modo como esses gêneros são percebidos por professores e alunos e sobre como são trabalhados na escola.

Conforme assinalam Vergueiro e Ramos (2009), o livro didático é atualmente o principal apoio dos professores em sala de aula e estes, por conta dessa dependência, encontram dificuldades em desenvolver atividades com outros materiais. Com relação aos professores, estudos do próprio Ministério da Educação (apud VERGUEIRO; RAMOS, 2009) apontam que essas dificuldades ocorrem, entre outros fatores, devido à “dificuldade dos docentes para trabalhar os acervos” e à “falta de formação para transformar obras em práticas pedagógicas” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 39). Como o objeto de análise dessa pesquisa foram obras literárias – não contemplando, portanto, os quadrinhos –, acredita-se que “as dificuldades dos professores para utilizar os títulos de quadrinhos seja ainda maior, principalmente se consideradas a pouca familiaridade com os títulos, com a linguagem e com a própria especificidade do gênero” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 39). Assim, a formação dos professores, tanto em relação aos textos literários quanto no tocante à área dos quadrinhos, torna-se uma medida fundamental.

Devemos acrescentar a isso que muitas vezes, nos próprios livros didáticos, não só os quadrinhos como também outros textos caracterizados pelo apelo visual não são bem trabalhados. Almeida (2005), em artigo sobre a função da imagem no livro didático de língua estrangeira, faz uma análise que, acreditamos, pode se estender às demais disciplinas. A respeito de uma pintura de Douanier Rousseau reproduzida em um manual de francês língua estrangeira e de sua relação com o elemento verbal que a acompanha (uma descrição da imagem com caráter francamente pedagógico), o autor afirma haver um descompasso entre o

icônico e o verbal, visto ser aquele uma obra de arte consagrada e este uma descrição “utilitária” de seu conteúdo. Assim,

a incorporação do discurso artístico ao livro didático sugere algo como uma parasitagem por parte do verbal, que estaria usando o icônico para sugá-lo naquilo que lhe convém. Parasitagem porque, ao citar a pintura, o interesse pedagógico o faz sem resgatar sua dimensão artística que a identifica e valoriza enquanto texto (ALMEIDA, 2005, p. 68).

Podemos, a partir desse texto, fazer algumas considerações sobre o uso dos quadrinhos no ensino, uma vez que esses se caracterizam como textos verbais e, sobretudo, visuais. Os quadrinhos possuem uma função, não-didática, que, por vezes, não é levada em conta por professores e/ou autores de livros didáticos. Ou seja, tal como a pintura de Douanier Rousseau, são parasitados, trabalhados, no caso das aulas de Língua Portuguesa, em função do seu conteúdo linguístico, sem que se procure resgatar seu valor artístico. Uma melhor observação dos diferentes recursos da linguagem dos quadrinhos bem como de suas relações com outros textos, pode contribuir para que o trabalho em sala de aula, sem se afastar do seu caráter didático, procure dar conta também dessa outra dimensão, não-didática, dos quadrinhos.

Se, conforme foi observado, os professores não estão preparados para trabalhar com essa linguagem, o que podemos dizer a respeito dos alunos? O fato de os alunos gostarem de quadrinhos pode nos levar a pensar que eles sejam bons leitores desses textos. No entanto, acreditamos que isso não seja verdadeiro e que seja necessário apresentar-lhes textos desses gêneros através de uma leitura que contemple os diversos elementos que compõem a linguagem dos quadrinhos e sua articulação com o mundo.

Assim, para uma leitura mais profunda dos quadrinhos, isto é, que se atenha não apenas ao enredo da narrativa, mas que procure também resgatar aquilo que não está explicitamente dito e que constitui sua essência, torna-se necessária uma alfabetização na linguagem dos quadrinhos (VERGUEIRO, 2006b, p. 31). Em outras palavras, para que o aluno seja capaz de ler produtivamente os diferentes gêneros dos quadrinhos em geral e, mais particularmente, as tiras, é necessário que ele seja apresentado a textos desses gêneros através de uma leitura atenta e crítica, que não se restrinja aos elementos linguísticos presentes no texto, mas que contemple os diversos elementos que compõem a linguagem dos quadrinhos e a sua articulação, entre si e com o mundo, com vistas a produção de sentido.

Nas aulas de Língua Portuguesa, conforme assinala Ramos (2006), a prática de atividades envolvendo a gramática normativa, ligadas à memorização de regras e à correção

linguística, por muito tempo dominou o ensino. Atualmente, o conceito do que seja ensinar e aprender Língua Portuguesa é bem mais amplo, pois a língua é vista de uma maneira mais dinâmica e só pode ser aprendida nos diversos contextos de comunicação. As orientações contidas nos PCN nos propõem um trabalho feito a partir de diferentes gêneros. Assim, a gramática deu lugar ao texto – e não só o literário –, que passou a principal suporte pedagógico para o trabalho em sala de aula. Nesse contexto, os diferentes gêneros dos quadrinhos ganharam espaço. No entanto, se, por um lado, os quadrinhos, conforme assinala Vergueiro (2006a, p. 25) estão acessíveis a um grande número de pessoas e possuem um custo relativamente baixo, cabe aqui perguntar se nossos leitores estão preparados para interpretá-los. Acreditamos que para muitos deles a resposta dificilmente será afirmativa.

Torna-se necessário, portanto, pensar em como trabalhar os quadrinhos em sala de aula e, por esse motivo, propomo-nos, a seguir, a relatar uma experiência produtiva envolvendo as tiras de Mafalda ocorrida no Colégio Universitário da Universidade Federal Fluminense, o COLUNI.

### **O Colégio Universitário Geraldo Reis e o Projeto PIBIQUINHO**

Criado em 2006, através de um acordo da Universidade Federal Fluminense (UFF) com o Governo do Estado do Rio de Janeiro o Colégio Universitário Geraldo Reis funciona no prédio do antigo CIEP Geraldo Reis, cujos alunos ficaram sob a responsabilidade do COLUNI após sua criação. Atualmente, o ingresso às diferentes séries do EF e EM ocorre por sorteio público.

Dentre os projetos desenvolvidos na escola, destaca-se o PIBIQUINHO, que é um Programa de Iniciação Científica Júnior criado em 2010. O programa tem por objetivo principal formar estudantes do EF e do EM com vocação para a pesquisa e, em termos específicos, busca: (i) tornar o conhecimento científico acessível a professores e estudantes, aproximando-o do seu cotidiano e visando à transformação da realidade; (ii) promover educação continuada para os professores do colégio, bem como a aproximação entre o meio acadêmico e a escola; (iii) estimular a socialização dos jovens, favorecendo sua promoção e integração social; (iv) incentivar a produção de metodologias, estratégias e materiais didáticos, visando à melhoria das condições de ensino/aprendizagem. Após seleção dos projetos inscritos pelos professores da escola no início do ano e distribuição das bolsas disponíveis entre os projetos, há, por parte dos professores participantes, seleção dos alunos-bolsistas que atuarão em seus respectivos projetos ao longo do ano letivo.

Em 2010, o PIBIQUINHO contou com 8 projetos e 10 alunos pesquisadores-bolsistas. Já em 2011, o número de projetos aumentou para 13 e o número de alunos participantes para 15. Nos anos de 2012, 2013 e 2014, o número de alunos participantes teve um aumento considerável, passando para 35; já o número de projetos inscritos foi de 18, 19 e 15 projetos, respectivamente. A partir desses números podemos observar o crescimento do PIBIQUINHO de forma geral e o crescimento dos projetos individualmente, que passaram a ter mais bolsistas envolvidos (se, em 2010, tínhamos uma média de 1,25 alunos por projeto, em 2014, esse número era de 2,33 alunos por projeto).

### **Lendo Mafalda e (re)construindo o sentido das tiras**

Entre os 18 projetos PIBIQUINHO selecionados em 2012, “Lendo Mafalda e (re)construindo o sentido das tiras”, vinculado à área de Língua Portuguesa, contou com dois alunos-bolsistas e teve por objetivo principal prover o aluno de ferramentas para uma leitura crítica e produtiva de tiras de humor, mais especificamente de tiras de Mafalda. Além disso, o projeto buscou ainda discutir o contexto histórico-social de produção das tiras e relacioná-lo às críticas nelas veiculadas; compreender melhor os elementos que compõem os quadrinhos e, mais especificamente, a forma como esses elementos se articulam nas tiras da personagem Mafalda; conhecer melhor a vida e a obra de seu autor, Quino, assim como as características dos personagens de Mafalda.

Nossa proposta não foi apenas a de iniciar os alunos-bolsistas à leitura de quadrinhos, uma vez que, dado o interesse que despertam jovens e à recorrência de quadrinhos nos livros didáticos, imaginávamos esses gêneros já eram conhecidos por eles. Procuramos, sim, através das tiras de Mafalda, iniciá-los à leitura e interpretação crítica desses textos. Para tanto, foi proposta uma abordagem que não se limitou à aquisição de conhecimentos linguísticos, e que buscou resgatar a dimensão artística e cultural, as relações intertextuais/interdiscursivas, os processos de construção do humor e o viés crítico dessas tiras. Concomitantemente à leitura e interpretação de diversas tiras de Mafalda, os alunos-bolsistas fizeram leituras sobre a linguagem dos quadrinhos, suas principais características e o modo como seus componentes se articulam no processo de construção do humor e do sentido do texto; sobre o universo de Mafalda e seus personagens; sobre o contexto de produção das tiras.

A seleção dos dois alunos que participariam do projeto se deu no mês de abril, por meio de redação e de entrevista, nas quais eles deveriam falar sobre seus conhecimentos a respeito dos quadrinhos e das tiras de Mafalda, além de explicar sua motivação em participar

do projeto. As respostas obtidas foram bastante significativas. Como suspeitávamos, os alunos demonstraram já estarem, de algum modo, iniciados à leitura dos quadrinhos. Ambos os selecionados afirmaram ser a tira uma história curta, de três ou quatro quadrinhos. Além disso, afirmaram que “eram histórias engraçadas, mas nem sempre”, o que sugere que estão mais familiarizados com as tiras de humor, mas que sabem que há outros tipos de tiras. Em relação aos motivos para participar do projeto, além do interesse pelas tiras, os alunos afirmaram ainda que o projeto os ajudaria a ter um bom desempenho nas provas e testes de Língua Portuguesa. Tal afirmação evidencia a utilização dos quadrinhos em sala de aula, inclusive nas avaliações.

Nos meses de maio a outubro foram feitos encontros periódicos com a professora responsável. Nesses encontros, cada aluno deveria fazer comentários acerca do conteúdo de cada uma das tiras de uma página do livro *Toda Mafalda*, selecionada e analisada previamente por ele, além de escolher uma das tiras da página para fazer uma análise mais detalhada. As tiras eram, então, discutidas pelo grupo e, a partir das necessidades apontadas, era solicitado aos alunos que fizessem pesquisas sobre diversos temas, para que fossem comentados no encontro seguinte. Dentre os assuntos pesquisados, destacamos: os acontecimentos de 1968 no Brasil, na França e no mundo; os acontecimentos na Argentina, na China e no Vietnã nos anos sessenta; o movimento estudantil; quem foram Karl Marx, Che Guevara, Arturo Illia e López Rega. Concomitantemente a isso, também foi solicitado aos alunos que lessem textos sobre: o mundo de Mafalda e seus personagens, vida e obra de Quino, características da linguagem dos quadrinhos e, mais especificamente, das tiras. Após a leitura, os textos eram discutidos em nossos encontros.

Com o intuito de partilhar os resultados de seu trabalho com os demais colegas, os alunos confeccionaram, no mês de setembro, um mural com informações sobre Mafalda e os demais personagens das tiras e sobre a vida e a obra de Quino. Além disso, o mural continha algumas tiras selecionadas e textos redigidos por eles a partir das pesquisas feitas, com o objetivo de dar informações sobre o contexto em que as tiras foram produzidas.

No mês de outubro, houve a culminância do projeto, que ocorreu durante a Mostra COLUNI, evento em que todos os bolsistas do PIBIQUINHO apresentam seus trabalhos a uma banca de professores, que os avalia. Alguns aspectos dessa apresentação são bastante representativos dos resultados do trabalho. Em primeiro lugar, os alunos mostraram conhecimento do universo de Mafalda, ao fazer, em suas análises, afirmações sobre os personagens, como: Mafalda é inteligente, possui pensamento crítico e o comportamento de

um adulto; Felipe tem uma personalidade “boba”; Manolito quer sempre tirar proveito de tudo e só se preocupa com o armazém de seu pai; Susanita implica com Manolito.

Em relação aos quadrinhos e à sua linguagem, os alunos, em suas análises, fizeram constatações como: o balão pode indicar a presença, em uma cena, de um personagem que não está iconicamente representado; os personagens podem mostrar reprovação ou irritação, por exemplo, mesmo sem intervir verbalmente, dependendo da forma como são representados; as onomatopeias são muito utilizadas para restituir o som; letras grandes, letras maiúsculas e negrito são usados para indicar o volume ou alguma outra característica da fala; sinais gráficos, como ponto de exclamação, podem indicar, por exemplo, espanto ou admiração; o pensamento pode ser representado por meio do balão pensamento; um único balão pode representar uma mesma fala, dita em uníssono, por vários personagens.

Por fim, os alunos fizeram ainda várias associações entre as tiras e o contexto em que foram produzidas. Referiram-se aos golpes militares argentinos e à ditadura argentina entre os anos de 1966 e 1973; sobre as ideias socialistas; sobre as crises econômicas por que passou Argentina no período. Os alunos associaram a impossibilidade de falar sobre problemas políticos e econômicos durante o período militar ao fato de, em alguns casos, o pai ou a mãe de Mafalda aparecerem representados sem a boca. Devemos assinalar aqui que eles não só compreenderam a presença do contexto e a mobilização dos recursos expressivos como fizeram um cruzamento entre eles, com vistas à produção de sentido. Acrescente-se que esse cruzamento foi feito a partir de um recurso que não está convencionalizado, como é o caso do negrito ou das letras maiúsculas para indicar aumento do tom de voz.

Em suas considerações finais, ao falarem sobre o que aprenderam com a pesquisa, além da menção, já esperada, aos recursos das tiras, à importância do contexto histórico, a informações sobre o mundo de Mafalda e seu autor, os alunos enfatizaram terem aprendido que *os quadrinhos não servem apenas para passar o tempo* (grifo deles).

Como o objetivo de poder fazer uma avaliação do nosso trabalho, tanto no início quanto no final do projeto, ou seja, nos meses de maio e de outubro, os alunos responderam a um mesmo questionário. Bastante simples, ele era composto das perguntas que se seguem: (i) O que são quadrinhos? E o que são tiras?; (ii) O que você sabe sobre as tiras de Mafalda?; (iii) Você conhece os personagens dessas tiras?; (iv) O que você sabe sobre o autor de Mafalda; (v) Por que as tiras são engraçadas?.

As respostas à primeira (dupla) pergunta apontaram para o fato de os alunos estarem, de alguma forma, iniciados à leitura dos quadrinhos e aos seus gêneros. No momento inicial, ambos associaram o rótulo “quadrinhos” ao gênero história em quadrinhos propriamente dito,

afirmando que o quadrinho conta uma história mais longa, e o diferenciaram das tiras, que contam uma história mais curta. Assim como na seleção, associaram às tiras ao humor, afirmando serem elas engraçadas, o que evidencia um contato maior com esse tipo de tira. Na segunda aplicação, além de diferenciarem as tiras dos quadrinhos, acrescentaram que as tiras têm de quatro a cinco quadrinhos e que recebem esse nome por aparecerem em formato de tira. Além disso disseram que quadrinhos podem tanto ser as histórias mais longas quanto cada parte (ou quadrinho) de uma história. Pudemos observar, portanto, nesse segundo momento, uma maior familiaridade com a linguagem dos quadrinhos.

Como resposta inicial à segunda pergunta, obtivemos dos alunos as seguintes informações: as tiras de Mafalda (i) são engraçadas e divertidas; (ii) são velhas; (iii) não têm segunda temporada; (iv) Mafalda não tem irmão. Mais uma vez observamos a associação das tiras ao domínio do humor. Observamos também que os alunos talvez acreditassem que as tiras de Mafalda estivessem desatualizadas e que sua leitura não fosse pertinente ao momento atual, uma vez que são “velhas”. O fato de afirmarem que as tiras não têm segunda temporada, de certa forma, corrobora a hipótese de que os quadrinhos de Mafalda não são atuais, pois aponta para uma comparação das tiras com as séries de televisão veiculadas atualmente, que possuem várias temporadas. Há uma diferença substancial se compararmos essas respostas às dadas no segundo momento da aplicação do questionário, quando os alunos destacaram as seguintes informações: as tiras de Mafalda (i) foram feitas por Quino; (ii) são de humor, mas questionam a situação da Argentina; (iii) falam sobre a sociedade da Argentina e do mundo. Observamos aqui que os alunos, ao longo do ano, adquiriram novos conhecimentos e passaram a associá-los às tiras, ou seja, conseguiram resgatar as relações de intertextualidade e de interdiscursividade nelas presentes.

A terceira pergunta, no primeiro momento, sequer foi respondida por um dos alunos e o outro disse conhecer Mafalda e “um menino de dente grande”. Na segunda aplicação os alunos citaram os seguintes personagens: Manolito, Felipe, Papá, Mamã, Liberdade, Burocracia, Suzanita, Miguelito e Guile. Essa mudança nos sugere que houve um aumento no conhecimento, antes quase inexistente, sobre o universo das tiras de Mafalda.

Com relação à quarta pergunta, na primeira aplicação do questionário, ambos os alunos afirmaram não ter nenhuma informação sobre o autor de Mafalda. No segundo momento, apresentaram as seguintes informações: Quino (Joaquim Salvador Lavado) nasceu em Mendoza, Argentina; começou a desenhar Mafalda em 1963 e ganhou o prêmio de melhor desenhista em 1982; cursou artes.

A quinta e última questão foi respondida de maneira bastante diferente nos dois momentos. Inicialmente, um dos alunos não apresentou resposta e o outro respondeu por meio de uma tautologia, afirmando que as tiras são engraçadas porque têm partes divertidas. Já no final do projeto, os alunos fizeram referência às relações intertextuais estabelecidas a partir das tiras, ao afirmarem que: (i) Quino fazia humor falando sobre política e sobre a situação econômica da época; (ii) as tiras falam da sociedade e da rotina na Argentina de um modo hilário.

## **Resultados**

Ao longo do projeto pudemos observar que os alunos progrediram em relação a: conhecimentos sobre a linguagem dos quadrinhos (aprimoramento dos já existentes e aquisição de novos conhecimentos); reconhecimento da importância do contexto e das relações intertextuais/interdiscursivas na construção do sentido do texto; capacidade de reconhecer a utilização de recursos expressivos ainda não convencionalizados.

Além disso, também houve aprendizado em outras áreas, não necessariamente relacionadas aos quadrinhos. Em primeiro lugar, houve uma sensível evolução no conhecimento dos alunos em relação à utilização de recursos digitais. Em uma sociedade marcada pela utilização do *whatsapp*, do *facebook*, do *twitter*, de enorme popularidade entre os jovens, foi surpreendente constatar que eles ou não sabiam ou tinham enorme dificuldade para utilizar o *email* e anexar arquivos para enviar, escrever textos no *word*, preparar apresentações no *powerpoint* e fazer pesquisas sobre os mais diversos assuntos utilizando a internet. A necessidade de interagirem entre si e, principalmente, com a professora responsável, bem como a de divulgar os resultados de suas pesquisas, tanto no mural quanto na apresentação da Mostra COLUNI, fez com que eles entrassem em contato com esses recursos e aprendessem a utilizá-los. Também a produção textual foi aprimorada, uma vez que eles precisaram escrever e-mails para a professora responsável, resumos das pesquisas feitas para as reuniões, textos, em forma de tópicos ou não, contendo a análise dos quadrinhos que apresentariam nos encontros periódicos e textos para a confecção do mural e para a apresentação da Mostra COLUNI.

Por fim, deixamos aqui uma questão que nos inquietou durante boa parte do projeto e que continua a nos inquietar. Percebemos um grande avanço, por parte dos alunos, em seus conhecimentos relacionados à linguagem dos quadrinhos, de forma geral, e às tiras, mais especificamente. Percebemos também que eles passaram a compreender melhor as tiras de

Mafalda, percebendo a importância do contexto para sua interpretação e sendo capazes de relacioná-las a outros conhecimentos. Por fim, temos a certeza de que eles reconhecem a importância dos quadrinhos, não apenas como leitura de distração, mas, sobretudo, como uma maneira de ler o mundo. No entanto, apesar de tudo isso, na hora de selecionar as tiras que iriam analisar em nossos encontros ou na mostra COLUNI, eles demonstravam preferir sempre as tiras cujo humor provia em geral do ridículo de um dos personagens e que não procuravam dialogar com outros textos ou refletir sobre o contexto em que foram produzidas. Por quê? Não temos a resposta a essa pergunta. Talvez seja a questão inicial para um outro trabalho, para uma outra pesquisa.

## **Conclusão**

Acreditamos, com o que foi exposto aqui, ter conseguido argumentar em prol do uso dos quadrinhos e, mais especificamente, das tiras de humor na escola, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa. Devemos ressaltar que não pretendemos afirmar com isso que as aulas devam se basear na análise de quadrinhos, mas que eles, assim como outros suportes, podem fazer parte de atividades que ultrapassem a simples aquisição de conhecimentos linguísticos. Enfatizamos ainda que o trabalho que nos propusemos a fazer não significou, em nenhum momento, não trabalhar com a língua portuguesa propriamente dita. Ao contrário, o que ocorreu foi, justamente, dar vida e movimento à língua artificial e estável que muitas vezes figura em nossos manuais. O enfoque gramatical e até mesmo gramatiquero foi substituído pelo uso da língua para comunicação.

Não pretendemos com nosso relato dar uma receita, mas mostrar que os quadrinhos abrem um leque de possibilidades de interpretação e utilização em sala de aula bastante amplo. Contudo, a maneira como esse leque será aberto e os elementos que ficarão em relevo ficam a critério de cada professor, que conhece sua realidade e suas necessidades. É fundamental, contudo, que a informação não seja simplesmente jogada para os alunos, mas por eles construída com a ajuda do professor e através da consulta a outras fontes. Além disso, é interessante que os alunos tenham contato com textos que deem um outro tipo de tratamento à mesma temática e que, assim, possam reconhecer e comparar as informações que encontrarão nesses textos com as que já possuem.

Como afirma Vergueiro:

“não há regras para a utilização dos quadrinhos no ensino”, cabendo ao professor, no seu planejamento escolher as atividades mais pertinentes para seus alunos. No entanto, em relação ao professor o autor afirma que é

“importante que o professor tenha suficiente familiaridade como meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa, esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de quadrinhos; e, enfim, conheça os diversos produtos em que eles estão disponíveis” (2006a, p. 30).

## Referências

ALMEIDA, Fernando Afonso de. Gênero e livro didático de língua estrangeira. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas: Unicamp, n. 44, v.1, 2005, p. 59-71.

BRASIL. Presidência da República. **Lei No 9334**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: arte / Secretária de Educação Fundamental. -Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretária de Educação Fundamental. -Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais+ (PCN+)**. Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006.

LINS, Maria da Penha P. **A construção do humor em tiras de quadrinhos**: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 194-207.

QUINO. **Toda Mafalda**. Tradução de Monica Stahel M. da Silva et. al. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RAMOS, Paulo Eduardo. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 65-86.

\_\_\_\_\_. **Tiras cômicas e piadas:** duas leituras, um efeito de humor. 2007. Tese (Doutorado em Filologia em Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04092007-141941/pt-br.php>>. Acesso em: 20 ago. 2015, 12:00.

\_\_\_\_\_. **A leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006a, p. 7-30 (Coleção Como usar na sala de aula)

\_\_\_\_\_. Linguagem dos quadrinhos: uma 'alfabetização' necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3. São Paulo: Contexto, 2006b, p. 31-64

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN aos PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs). **Quadrinhos na educação.** São Paulo: Contexto, 2009, p. 9-42

Artigo recebido em: 30/10/2015

Artigo aceito em: 30/11/2015

Artigo publicado em: 30/11/2015